

QUAIS OS POSSÍVEIS DO DELÍRIO DO VERBO PARA PENSAR OS CURRÍCULOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

VANESSA GALINDO ALVES DE MELO

Mestra em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro acadêmico do Agreste, UFPE/CAA, vanessa-gam@hotmail.com;

JULIANA SILVA ALMEIDA

Mestra em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro acadêmico do Agreste, UFPE/CAA, julianaalmeidaufpe@gmail.com;

CONCEIÇÃO GISLANE NÓBREGA DE LIMA SALLES

Trabalho orientado pela Professora Dr^a. Conceição Gislane Nóbrega Lima de Salles do Núcleo de Formação docente – UFPE/CAA, conceicao.nlima@ufpe.br;

1. INTRODUÇÃO

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a Criança diz:
Eu escuto a cor dos passarinhos. (BARROS, 1993, p. 17)

Os versos que abrem essa tessitura escriturística nos inquietou... Dizeres de uma infância que diz de si mesma e do mundo ao seu redor... Dizeres que também são gestos, fazeres, aprenderes e que fazem o verbo pegar delírio (BARROS, 1993). Provocados por Manoel de Barros (1993) e por essa infância outra, perguntamo-nos se seria possível à escola e aos currículos escutar a infância e as crianças em sua “língua delirante”?

Com foco na metalinguagem, Santos (2011, p. 160), expõe que o “delirar do verbo” usado pelo poeta “[...] constituiria a ação de dissociar o verbo/a palavra de seus lugares comuns[...]”. E que “O Delírio tem a ver [...] com interpretação disparatada da realidade. Sendo assim, se o verbo delira, parte para outras interpretações da realidade, rompendo com o uso comum da linguagem a fim de criar novos sentidos” (SANTOS, 2011, p. 160).

Ao pensar a potência do delírio do verbo, Manoel de Barros (1993), possivelmente estava a tratar dessa inventividade que é própria da infância. Uma infância, para além de uma fase cronológica ou de uma temporalidade estática, mas como “uma condição da experiência” (KOHAN, 2007, p. 86) que pode habitar a criança, mas também o adulto, o idoso, as professoras. E por que não pensar uma infância para a Educação e para os currículos da Educação Infantil?

As crianças da pesquisa nos mobilizaram a olhar o currículo não apenas numa dada direção hegemônica, mas olhar para o que estava sendo feito na escola, “mobilizando diferentes possibilidades curriculares [...]” (LOPES, 2015, p.455) a partir desse verbo que delira e nos convoca a outras composições, pois, a infância elege “invenção em vez de revelação e criação no lugar da descoberta” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.10), reinventando outros possíveis para os currículos que tendem à prescrição.

Nesta direção, tecemos nossas reflexões a partir do entrelaçamento de duas pesquisas concluídas durante o (per)curso de Mestrado, cujo objetivo consistiu em cartografar os gestos, dizeres, fazeres e aprenderes das crianças e da infância para pensar outros modos de inventar o currículo da Educação Infantil.

2. METODOLOGIA

A referida pesquisa delimitou como território existencial de investigação um Centro Municipal de Educação Infantil e uma Escola dos Anos Iniciais, situados na região do agreste pernambucano, com crianças de duas turmas da Pré-Escola II e crianças que frequentavam o primeiro ano dos anos iniciais.

Com inspiração na cartografia (BARROS; KASTRUP, 2015) traçamos um plano e nele nos movemos, criando possibilidades outras de caminhar com a infância do agreste, movidas por conversações (FERRAÇO; ALVES, 2018) e instaurações nossas, das crianças, por vezes das professoras. As conversas como possibilidade de encontros e as instaurações como movimentos, que partiam de invenções para fazer emergir o que já estava ali no cotidiano (LAPOUJADE, 2017, p.44). Encontros lúdicos, com brincadeiras, contação de história, oficinas de Arte e materiais não-estruturados. Uma acolhida às crianças, seus gestos, suas perguntas, protestos e desejos.

3. RESULTADOS OU CONCLUSÕES

Nesse traçado, as crianças instauram a produção de alegria como possibilidade de pensar os currículos na Educação Infantil, currículos mais coloridos, divertidos, brincantes, em que elas possam se sujar, criar, fabular, inventar outras formas de existências.

Mônica: 1[...]Tia sabe por que eu gosto de se sujar? Porque se sujar faz mais alegria! Se sujar a pessoa fica toda pintada aí eu gosto de se sujar!

Pesquisadora: Aqui na escola vocês se sujam?

Mônica: Não, não! Só pinta a mão...

Dizeres potentes que se constituem numa língua, cujo devir desenha, pinta, com tinta o desejo de currículos livres, onde possam se sujar e escapar em linhas de fuga diante da mesmidade de tarefas atreladas, por vezes, a datas comemorativas, onde as crianças apenas pintam a mão. As crianças querem mais que isso, pois, em suas artistagens (CORAZZA, 2013, p.21) “[...] fazem as mesmas coisas que a Arte. [...] não ordenam

1 Nome Fictício escolhido pela criança.

lugares, mas abrem rasgões para o Fora; movimentam-se sobre um devir-infantil[...]. Mônica, assim, nos diz de currículos existenciais, currículos em articulação com a vida, à medida que nos envolvemos com eles, refletimos sobre e com eles (CARVALHO, 2009). E por que não, quando nos sujamos com eles?

Em meio aos tecidos, fantasias e materiais não estruturados a infância e as crianças seguíam compondo o movimento de artistar-se, conforme nos dar a pensar Paloma² ao trazer em sua língua delirante: *“Hoje surgiu uma coisa de imaginação da nossa cabeça...”* (CONVERSAÇÕES, 2019), coisas que surgiram em um *espaçotempo* outro, desobrigado, tempo livre para pensar, tempo esquecido da obrigatoriedade de um currículo que por vezes, tenta nos diz o que pensar, para que pensar e onde devemos chegar. Essa imaginação está presente na poética de Manoel de Barros quando a criança diz que “escuta a cor dos passarinhos” (BARROS, 1993) e também, emerge nos currículos que se abrem a força inventiva advindos dos inícios infantis (KOHAN, 2020).

Currículos-outros que se efetivam no encontro dos corpos, dos desejos, dos afetos, da imaginação, das tintas, da alegria. Currículos-outros que podem “[...] inventar e criar novos pensamentos curriculares que não mais reproduzam nem executem o normatizado, mas ousem impulsos inovadores” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.31). Movimentos que afirmam composições curriculares como acontecimento, sensações, criação e diferença. Currículos-outros invencionados por uma infância que o faz delirar.

Palavras-chave: Infância; Currículo; Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

BARROS, L. P., & KASTRUP, V. (2015). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos, E., Kastrup, V., & Escossia, L. **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (pp.52-75). Porto Alegre: Sulina.

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. 3ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

2 Nome Fictício escolhido pela criança

CARVALHO, J. M. **Cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis, RJ: DP et alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto-Alegre-RS :Doisa, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. **Manifesto por um pensamento da diferença em educação**. In: Composições. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 9-17.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (org.). **Conversas como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância – Ensaios de filosofia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KOHAN, Walter Omar. **Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 15, e2016212, p.1-9, 2020 Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. Les Editions de Minuit n-1 ed. 2017.

LOPES, Alice Casimiro. **Por um currículo sem fundamentos**. Linhas Críticas, vol. 21, núm. 45, maio-agosto, 2015, pp. 445-466 Universidade de Brasília Brasília, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/1935/193542556011.pdf>. Acesso em: 24 mai. 2019.

SANTOS, Suzel Domini dos. **A metalinguagem em Manoel de Barros: uma tática da criação**. Estação Literária. Londrina, Vagão. Vol. 8 parte B, p. 120-130, dez. 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL8BArt16.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2019.